

O PARAÍSO SEGUNDO SARNEY,



B

Ex-presidente cria galeria de amigos e colaboradores políticos retratados como religioso



A partir da esquerda: empresário Mathias Machline, senador Edson Lobão, jornalista Evandro Carlos de Andrade, Giovani Belotti, empresário Edmar Cid Ferreira, Villas-Boas Corrêa, ex-governador Lourival Batista, Luís Vianna Filho, Antônio Carlos Magalhães, acadêmico Marcos Villaça, Joaquim Campelo, Austregésilo de Athayde, escritor português Alçada Batista, o jornalista Castelinho, José Carlos Souza e Silva e senador Bello Parga

ILIMAR FRANCO



iz a sabedoria popular que o hábito não faz o monge. Mas o ex-presidente José Sarney resolveu duvidar do provérbio e ungiu de santidade uma confraria de amigos, como para exorcizar o fato do Brasil, em 500 anos de história, não ter produzido um único santo. Se Sarney fosse

papa, nosso santoral seria rico e muito curioso. Já imaginaram alguém ajoelhado aos pés de Santo Antônio com seu hábito franciscano, a implorar fervorosamente por uma graça? Parece cena comum? Certamente o será, se o santo for o Antonio, nascido Fernando em Bulhões, Portugal, há 800 anos. Mas olhem bem para o Santo Antonio. É meio careca, rosto redondo, tem aquele inconfundível bigode branco e vai bem obrigado. É padroeiro da Bahia, data venia o Senhor do Bomfim. É isso mesmo, o santo em questão é Santo Antônio Carlos Magalhães. Não é casamenteiro, mas tem um poder danado. Santo ACM é apenas uma das pinturas encomendadas pelo ex-presidente José Sarney para homenagear os amigos. Desde 1998, a seu pedido, o pintor maranhense Floriano Teixeira os transforma em frades. A "confraria de santidades impossíveis", como a definiu, bem apropriadamente, o ex-ministro da Justiça Saulo Ramos. As telas, fechadas a sete chaves, estão na sala do conselho curador do Memorial José Sarney, museu que preserva toda a documentação do mandato presidencial do político maranhense (1985-1990), instalado no antigo Convento das Mercês, em São Luís.

Lá estão retratados, de batina, o ex-presidente de Portugal, Mário Soares, os parceiros de Sarney no Mercosul, os ex-presidentes da Argentina, Raul Alfonsín; e do Uruguai, Julio Sanguinetti; o ex-presidente da Academia Brasileira de Letras Josué Montello, o escritor Jorge Amado, o banqueiro Edmar Cid Moreira e o empresário Mathias Machline, entre outros, porque a confraria é grande e ainda está recebendo novíços.

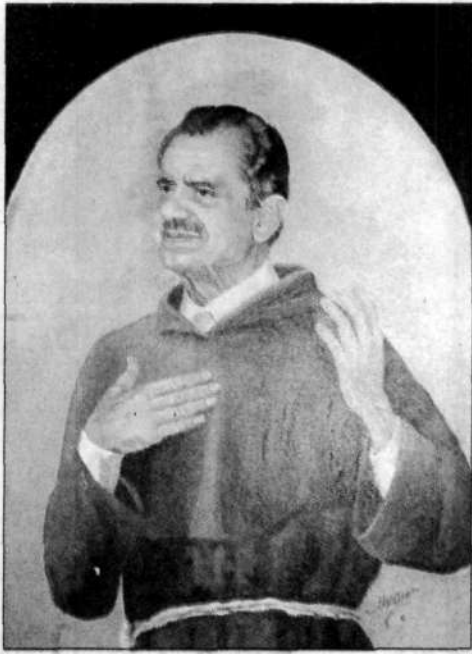
O líder do governo Itamar Franco, senador Pedro Simon, é um dos mais recentes. Entrou para a galeria depois de uma visita ao memorial em setembro do ano passado, após palestra na Federação do Comércio. "Achei muito engraçados os frades. O Antonio Carlos (Magalhães) parece um cardeal. Pedi ao Sarney uma foto da tela do Antonio Carlos, porque pretendia lançar sua candidatura a papa no plenário do Senado", brinca Simon. Um mês depois, Sarney atendeu ao pedido, mas mandou ao senador gaúcho a foto da tela de um frade cujos braços parecem gesticular. Era o próprio Simon.

O papa — o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães, que, de acordo com o folclore político, zela pelo governo do presidente Fernando Henrique Cardoso — ignora a quase candidatura pontifical. Mas ao saber da história, desconfia: "O papa é o Sarney e nós somos o seu bispo", comenta o senador. E, modéstia, arremata, mais mineiro que baiano: "Dizem até que eu não fiquei muito bem".

Sarney teve a idéia de fazer os retratos de seus amigos vestidos de frade porque o memorial está localizado em um antigo convento. São dezenas de telas, lado a lado, nas paredes de uma sala onde os monges (verdadeiros) se reuniam. O ex-presidente se inspirou também em sermão do padre Antonio Vieira, feito na inauguração do convento, em 1654. No final do sermão, o padre Vieira afirmou que ali se guardariam as memórias.



A ex-primeira dama Marly Sarney



O senador Pedro Simon



O ex-presidente português Mário Soares



s primeiros frades retratados foram os ex-presidentes Raul Alfonsín, Julio Sanguinetti, Mário Soares, o ex-ministro Saulo Ramos e o jornalista Carlos Castello Branco. Com um permanente bom-humor, Saulo Ramos se diz preocupado com a interpretação que as telas possam vir a ter no

próximo milênio: "Como nenhum de nós é frade e alguns de santo não têm nada, no futuro os historiadores podem ficar meio tontos". A idéia impressionou também o pintor mineiro Urbano Vilela, que acabou pintando seis telas de frades, entre as quais a dos escritores Jorge Amado e Josué Montello, além de um novo retrato do próprio Sarney.

Para retratar os amigos, o presidente José Sarney, sem dizer o objetivo, pedia uma foto, modelo para o frade. Isso explica, por exemplo, a juventude do ex-presidente Sanguinetti, que mandou uma foto de quando era bem mais moço. Alguns não se sentiram muito confortáveis ao se verem com trajes religiosos.

"Só visto esta roupa de frade por imposição da amizade, sou um antiismos, quaisquer que sejam eles. Sou amigo do Sarney desde os tempos da *bossa nova* (como era chamada a ala moça da União Democrática Nacional)", diz o colunista do JORNAL DO BRASIL Vilas-Boas Corrêa. Também amigo de Sarney, e desde que ele era criança, o ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, Josué Montello define a confraria como uma antologia de amigos e acrescenta que isso é coerente com sua personalidade. "O Sarney é, sobretudo, amigo de seus amigos".

Montello, que passa temporada em São Luís trabalhando na Casa de Cultura Josué Montello, faz questão de ressaltar a intuição política do ex-presidente. Relatou que estava sentado ao lado do ex-senador Luís Viana, assistindo a televisão, quando Sarney rompeu com João Figueiredo e renunciou à presidência do PDS. "O Luís Viana disse: 'O Sarney é um homem perdido', e eu retruquei: 'não, tudo o que o Sarney faz de errado, dá certo'".

Um dos frades, o ministro do Tribunal de Contas da União Marcos Vilaça, tem na moldura uma inscrição em latim a ser colocada em todas as demais: *Vera effigies servi Dei, fr. Marcos, virtutibus plenus*. "Este é o verdadeiro retrato do monge Marcos Vilaça, que tinha virtudes plenas", diz a inscrição, utilizada nos retratos de religiosos no século 17.

Ao contrário do último presidente militar, João Figueiredo, o primeiro presidente civil do país após o regime militar não quer ser esquecido. Como é costume nos Estados Unidos, José Sarney, após deixar o cargo, criou uma fundação cultural para guardar o acervo de documentos de sua gestão na presidência da República. "É uma fundação privada e que não recebe dinheiro público", faz questão de informar.

O memorial sobrevive das contribuições financeiras de amigos, do próprio Sarney e da realização de eventos em seus auditórios e salas de exposição. "O memorial é fantástico, tem 10 vezes mais peças do que o Memorial JK, em Brasília", diz Pedro Simon. O acervo inclui 500 mil documentos, 40 mil livros, entre os quais originais de *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves, e dos *Sermões* do Padre Antonio Vieira. Há ainda 80 mil manuscritos, 70 mil cartas, 18 mil negativos de filmes, 1.500 filmes em 16mm e 4 mil horas de fita de televisão.

"Desde que assumi a presidência, registrei, do primeiro ao último, os presentes que recebi e todos estão no acervo do museu. Cada peça tem uma história", diz Sarney. O ex-presidente doou ao memorial 2.500 peças de arte, de diversos países.